

# O IMAGINÁRIO SOCIAL DO PROFESSOR OUVINTE DA ESCOLA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL Dr. REINALDO FERNANDO CÓSER EM RELAÇÃO AO ALUNO SURDO

Camila Righi Medeiros Camillo<sup>1</sup>

Melânia de Melo Casarin<sup>2</sup>

## RESUMO

Durante o período de graduação, no curso de Educação Especial, muitos foram os questionamentos em relação à surdez, à Língua de Sinais e à Educação de Surdos. Nesse sentido, fui atraída pela teoria do Imaginário Social procurando compreender as significações imaginárias a partir de duas dimensões: a instituída e a instituinte, encontrando subsídios nos trabalhos de Cornelius Castoriadis. Esta pesquisa teve como objetivo geral conhecer as significações imaginárias dos professores em relação à surdez, mais especificamente, os aspectos que envolvem a Educação de Surdos e que propiciam as interações entre os surdos e seus pares e entre os surdos e seus professores. A metodologia teve como fundamentos a pesquisa qualitativa que, segundo MINAYO (1998), possibilita perpassar o conjunto de expressões humanas presentes nas estruturas, nos processos, nos sujeitos e nas representações. A coleta de dados foi realizada através de entrevistas semi-estruturadas com os professores graduados em áreas específicas do conhecimento que atuam na Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Cóser. Dessa forma, a teoria do Imaginário Social permite que cada professor, no seu modo de perceber o aluno surdo, partindo de suas experiências, dê um significado para a Educação de Surdos e para sua prática pedagógica.

Palavras-chave: Imaginário Social, Educação de Surdos, Língua de Sinais.

---

<sup>1</sup> Educadora Especial - Acadêmica do Curso de Especialização em Educação Especial - UFSM.

<sup>2</sup> Mestre em Educação, Prof<sup>a</sup> Assistente no Departamento de Educação Especial – CE/UFSM

## **ABSTRACT**

During the graduation at Special Education Cours, there were many indagations related to the deafness, the Signal Language and the Deaf's Education. In this sense, I was attracted by the Social Imaginary Theory, trying to understand the imaginary significances since the two dimensions: the instituted and the instituting, finding subsidies in Cornelius Castoriadis's works. The general objective of this research is tok now the teachers' imaginary significances in respect to deafness, more specifically the aspects which involve the Deaf's Education and that provide the interactions between the Deaf and their pairs and between the Deaf and their teachers. The methodology had as fundamentals the qualitative research which, according to MINAYO (1998), enables to prepare a set of human expressions present in the structures, in processes, in subjects and in the representations. The collect of data was carried out through semi-structured interviews with the teachers graduated in specific areas of the knowledge. These teachers actuate at Dr. Reinaldo Fernando Cóser Special Education State School. In this way, the Social Imaginary Theory allows that each teacher gives a meaning to the Deaf's Education and to his/her pedagogical practice. This is done starting from his/her experiences in his/her perceiving way.

**KEYWORDS:** Social Imaginary, Deaf's Education, Signal Language.

## **O IMAGINÁRIO SOCIAL DO PROFESSOR OUVINTE DA ESCOLA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL Dr. REINALDO FERNANDO CÓSER EM RELAÇÃO AO ALUNO SURDO**

A partir de muitos questionamentos sobre a Educação de Surdos e os aspectos que envolvem a interação desses sujeitos, procura-se compreender as significações imaginárias dos professores ouvintes a partir de duas dimensões: a instituída e a instituinte.

Dessa forma, embasada na teoria do Imaginário Social, a presente pesquisa intitulada “O Imaginário Social do professor da Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Cóser em relação ao aluno surdo” tem como alguns de seus objetivos apontar as significações imaginárias dos professores ouvintes em relação à surdez, mais especificamente, no que diz respeito ao futuro profissional do aluno surdo, verificando a importância da Língua de Sinais no âmbito das interações sociais e na Educação de Surdos.

Neste contexto, contempla-se a comunidade surda como aspecto extremamente relevante no que concerne falar de Educação de Surdos e das interações. É a partir do convívio entre os surdos, nas suas trocas de experiências, no domínio da mesma língua e dos mesmos costumes que se determinam como sujeitos surdos de uma cultura surda participante da comunidade surda.

Segundo PERLIN ( 2000, p. 24)

O contato do sujeito Surdo com as manifestações culturais dos surdos é necessário para a construção de sua identidade, caso contrário, sua experiência vai torná-lo um sujeito sem possibilidades de auto-identificar-se como diferente e como surdo, ou seja, com determinada identidade cultural.

Ser parte da comunidade surda consiste em somar experiências com outros surdos, compartilhar das atividades da comunidade bem como relatar fatos vividos com ouvintes, suas relações penosas e frustrantes, usando a Língua de Sinais sem vergonha ou medo de repreensões.

É um “lugar” onde os surdos se sentem à vontade, deixando de lado a idéia de que o surdo é “anormal”, pois possuem uma linguagem própria e pertencem a um grupo que se identifica por utilizar uma mesma língua e cultura.

A Língua de Sinais é o eixo central na educação do surdo partindo da idéia de que é nela que se alicerça o desenvolvimento completo do sujeito surdo no âmbito

educacional, na sua identificação, aceitação e permanência na comunidade surda, nas interações com seus pares.

Pode-se dizer que o que identifica a cultura surda é fundamentalmente, em primeiro lugar, a Língua de Sinais, acompanhada por fatores como valores, costumes, forma de convivência, tipo de educação que os diferem dos ouvintes nestes aspectos e não como sujeitos que são. Como sujeitos, surdos e ouvintes têm os mesmos direitos, ou pelo menos deveriam ter. Nestes se inscreve o direito de ser respeitado nas suas diferenças.

Neste viés, em que se contempla a educação e a interação de surdos enquanto pesquisa, refere-se à teoria do imaginário social como constituinte de significados nos processos educacionais e de socialização dos alunos surdos.

Apesar das resistências à influência do imaginário, ao assumir a idéia de atitudes humanas numa instância além das razões, se reconhece a existência de uma dimensão rodeada de significações imaginárias, de um existir pelo qual perpassam real e imaginável simultaneamente, onde o homem encontra os sentidos das coisas, das relações, dos elementos sociais.

Essa é a teoria do Imaginário Social, que vai além do que a racionalidade pode explicar, a qual Marx tentava contornar defendendo uma filosofia essencialmente racionalista, mas que aos poucos é sucumbido pelas influências do imaginário.

Segundo CASTORIADIS (1987), dimensão Instituída é o que está legitimado, as significações imaginárias que regem a sociedade, ideais, crenças. É o imaginário instituído que dá sentido ao viver coletivo. Porém, a dimensão Instituinte ou imaginário radical é a possibilidade de romper com aquilo que está instituído, representa uma nova criação, capacidade de mudar, de produzir novos significados.

De acordo com CASARIN (1996, P. 34),

Nos estudos referentes ao imaginário, pode-se perceber o sentido das representações, dos novos sistemas de significados e dos símbolos que permeiam o cotidiano e que dão existência ao imaginário instituído, como também o movimento possível, a possibilidade de existir o novo, de rompimento com aquilo que está dado, criando novas formas. Portanto, o imaginário está intrinsecamente relacionado com aquilo que está e aquilo que pode vir a ser - o imaginário instituído e o imaginário instituinte.

Portanto, observa-se que a sociedade instituída não se separa da sociedade instituinte no momento em que há a ruptura daquela possibilitando a reflexão e o fortalecimento desta. Se o Imaginário Social traduz e legitima os significados, as ideologias, as crenças e os preconceitos de um grupo, há a possibilidade de reverter o que está instituído em desejo de uma sociedade instituinte que deixe para trás representações negativas e faça emergir novas significações sociais. A sociedade constitui e faz o indivíduo que pode refazê-la, é a relação indissociável, a constante tensão entre o instituído e o instituinte.

Para SHOLL<sup>3</sup> apud TEVES (1992, p. 111) “o que se distingue no homem é uma ordem consciente que obedece ao discurso da razão e uma ordem inconsciente que obedece ao discurso da emoção”.

Desta forma, pode-se dizer que o imaginário é carregado de valores, sentimentos, de visões ideológicas, de tradições e de futuras aspirações, até mesmo utópicas. As significações imaginárias são expressões de inúmeras relações e experiências vividas social e historicamente pelo homem nas suas interações com seus semelhantes e nas situações cotidianas que lhe exigem, a todo o momento, posturas reflexivas e conscientes.

Assim, por acreditar que este estudo justifica-se pelas relações humanas, pelo exercício do pensamento diante de uma realidade a qual permite delinear significações nas ações, envolvendo questões de vivências diárias entre aluno surdo e professor ouvinte que diretamente favorecem a reflexão de posicionamentos, conceitos e atitudes do docente frente ao seu aluno, a pesquisa teve como fundamentos a pesquisa qualitativa.

MINAYO (1998, p. 21) coloca que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

No intuito de buscar as significações imaginárias, as expectativas, representações, conceitos e idéias do professor ouvinte em relação ao aluno surdo,

---

<sup>3</sup> Nesta mesma obra a autora acrescenta que: “A razão e a ciência unem o homem às coisas, mas é no domínio do imaginário, do simbólico que os homens se unem entre si”. (p. 110)

teve-se como base a escola, levando em consideração que este ambiente se apresenta como fonte rica e inesgotável de interações entre surdos e ouvintes.

É nesta perspectiva de muitas possibilidades de contato entre alunos surdos e professores ouvintes, na presença e utilização da Língua de Sinais, além das manifestações da cultura e identidade surda, que se procura contextualizar a escola.

A Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Cóser foi criada no dia 27 do mês de setembro do ano de 2000 em Santa Maria, porém somente foi autorizado seu funcionamento em março de 2001 quando começou seus trabalhos, oferecendo Educação Infantil (de 04 a 06 anos), Séries Iniciais e Finais do Ensino Fundamental, além da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Atualmente a escola para surdos tem 107 alunos, conta com 26 professores, sendo a maioria deles com formação em educação para surdos, e os demais em áreas específicas do conhecimento, 4 instrutores<sup>4</sup> de LIBRAS com habilitação para tal, além de 2 intérpretes de LIBRAS que possuem maior domínio em Língua de Sinais, auxiliando na interação entre surdos e ouvintes. Porém, estes intérpretes não têm nenhum contrato específico com a escola para atuar com tais, mas são concursados pelo estado para atuar como professores e, eventualmente, auxiliam dando o apoio quando possível e necessário à escola.

A escola tem como proposta educacional o bilingüismo, que oportuniza em primeiro lugar, a Língua de Sinais, ou seja, a língua natural para os surdos como base para a aprendizagem da segunda língua, assim permitindo também a valorização da língua do grupo ouvinte como parte integrante da constituição do aluno surdo, pois é impossível segregá-lo à Língua de Sinais sem oferecer a ele o direito de inclusão no mundo ouvinte no qual também irá crescer, se desenvolver e competir. Por isso, é preciso conhecer esse mundo exterior, e esse contínuo processo de conhecimento começa pela língua que esse grupo utiliza.

Além disso, a escola para surdos tem seu tempo escolar no Ensino Fundamental organizado em Ciclos de Formação e não por séries. Os ciclos se propõe a reunir crianças e adolescentes pelas fases de formação: infância (6 a 8 anos), pré-adolescência (9 a 11 anos) e adolescência(12 a 14 anos); para alguns, resume-se ao agrupamento por idade.

---

<sup>4</sup> A escola não utiliza o termo instrutor, mas educador de LIBRAS, pois acredita que o surdo é bem mais que um instrutor. É chamado de educador surdo porque ao mesmo tempo em que está fazendo seu trabalho está transmitindo conhecimentos que perpassam a cultura surda para os alunos e não simplesmente mediando as informações. A escola bem como os surdos não consideram educador só aquele que tem formação para tal.

Portanto, foi neste espaço de escola bilíngüe que aconteceu a coleta de dados através de entrevistas semi-estruturadas com professores ouvintes graduados em Matemática, Ciências Físicas e Biológicas e Artes. Teve-se como preocupação escolher esses professores graduados em áreas específicas do conhecimento e não os que teriam formação em Educação Especial, por focar o interesse nos que não tiveram formação específica para trabalhar com surdos e que atuam com grande comprometimento nessa educação. Porém, todos eles procuraram especializar-se em Educação Especial depois de começar trabalhar na escola, a fim de aprender mais sobre a Educação de Surdos, melhorar sua prática pedagógica e conviver melhor com os alunos surdos.

As entrevistas foram gravadas em fitas K7 e transcritas com a maior fidedignidade possível, de acordo com o posicionamento dos professores. Após, construiu-se uma tabela de comparação, para melhor analisar as respostas dos sujeitos, podendo observar as correspondências e discrepâncias entre eles, assim partindo para análise dos dados, ancorada no referencial teórico para tal, principalmente na teoria do Imaginário Social de que emerge toda a pesquisa.

A partir da coleta e análise dos dados, foi possível retratar o Imaginário Social dos professores ouvintes da Escola para Surdos em relação ao aluno surdo no que compreende vários aspectos das categorias eleitas: a educação e interação de surdos. Mesmo sabendo que ambas estão intrinsecamente ligadas, pois se acredita que o processo educacional acontece concomitantemente com o processo de interação, entende-se que a interação é um pressuposto para que se efetive a educação.

Porém, essa divisão se concebe no momento em que se pensa no processo educacional nos aspectos que dizem respeito à importância da Língua de Sinais, à relação professor ouvinte e aluno surdo, ao papel do instrutor de Língua de Sinais, à participação do intérprete nesse contexto, entre outros aspectos relacionados e relevantes na Educação de Surdos.

Por outro lado, considera-se os elementos mediadores no processo de interação entre alunos surdos e professores ouvintes, entre os pares surdos bem como a interação com instrutores e intérpretes no ambiente escolar.

Dessa forma, a partir das categorias estabelecidas – Educação de Surdos e Interação – procura-se desvelar algumas questões que compreendem as dimensões instituída e instituinte da teoria do Imaginário Social.

Este trabalho, estudo permitiu desvelar muitas questões importantes no que diz respeito ao processo educacional do aluno surdo com a Língua de Sinais, a participação de instrutores e intérpretes bem como aspectos que envolvem a interação desses sujeitos como a colaboração da família, a utilização da língua natural, a convivência com seus pares e com os ouvintes, entre outros pontos e temas centrais.

Em relação à Educação de Surdos, numa perspectiva instituída, percebe-se que há uma diferença entre aluno surdo que teve acesso a Língua de Sinais em tempo hábil daquele que recebeu tardiamente a língua.

A exposição do aluno surdo à Língua de Sinais o mais cedo possível ou, como cita QUADROS (1997), no período sensível favorece o aluno, pois este apresenta mais facilidade na compreensão e interpretação da Língua de Sinais. A aprendizagem do português acontece melhor, bem como a construção de vocabulário na Língua de Sinais, que ocorre de forma natural. Isso favorece o aluno surdo que aprende tudo mais rápido, apresentando uma comunicação mais eficaz e noções em relação à Língua de Sinais e, posteriormente, à língua portuguesa, mais desenvolvida em relação ao aluno que não teve acesso a esta língua na idade favorável<sup>5</sup> para a aprendizagem.

Porém, se o contato com a Língua de Sinais se der tardiamente, o aluno surdo terá dificuldades de interpretação na Língua de Sinais e na língua portuguesa, tendo que suprir essa defasagem em um espaço de tempo muito curto, evidentemente, apresentando uma dependência do adulto surdo bem mais acentuada devido à lacuna no seu desenvolvimento lingüístico em relação à Língua de Sinais.

Nesse contexto, a presença do instrutor surdo (ou educador surdo como é chamado na escola para surdos) na sala de aula para o ensino e aprendizagem dos alunos surdos é imprescindível, importantíssima, principalmente, para os alunos que criam uma dependência, bem como por uma questão de identidade com o adulto surdo. O instrutor surdo, de acordo com os sujeitos, auxilia o professor que não tem domínio da Língua de Sinais fazendo a ponte entre o ouvinte e o surdo. A presença

---

<sup>5</sup> Para Karnopp (1994, p. 62) o período de maior desenvolvimento lingüístico vai mais ou menos até os cinco anos, quando a criança já tem uma capacidade lingüística bem próxima à do adulto.



do instrutor em sala ajuda a melhorar a atenção, concentração do aluno surdo, além de ser uma relação de identificação natural.

Para o sujeito B:

*“Há uma dialogicidade entre professor ouvinte, instrutor (educador surdo) e aluno, se não tem o educador surdo nessa interação o processo fica comprometido”.*

Também se verifica que o bilingüismo é a proposta educacional apontada como suficiente e mais adequada para os alunos surdos, pois, possibilita a interação do surdo com sua língua natural, a qual é necessária para uma melhor compreensão do mundo.

Porém, de acordo com os posicionamentos dos professores ouvintes, nota-se claramente que a participação do intérprete na escola para surdos é de execução de uma função técnica: nas avaliações com os alunos Surdos, nas reuniões da escola. Essa percepção fundamenta-se no fato de que é imprescindível o conhecimento do professor sobre a Língua de Sinais para mediar a aprendizagem. Nesse caso, “o intérprete não seria necessário em sala de aula”. (cita o sujeito B)

Em relação à interação dos alunos surdos, na dimensão instituída, aponta-se a importância do conhecimento da Língua de Sinais para que a aprendizagem e a socialização com os ouvintes melhorem. Os professores manifestaram que o maior aprendizado que se pode ter é no contato com os alunos, na relação de trabalho de sala de aula, nos grupos de teatro, no relacionamento diário professor ouvinte/aluno surdo.

Baseando-se, também, na importância que a presença familiar representa no processo de desenvolvimento social, afetivo e educacional, é extremamente necessária a participação dos pais e o acompanhamento do aluno surdo. Porém, observa-se o quanto precisa melhorar a relação família/escola e a mediação da família na interação do surdo com a sociedade.

A família ainda está à parte da escola no momento em que não há continuidade dos trabalhos, da parceria entre pais e professores para completar o processo de ensino e aprendizagem do aluno surdo.

Um dos sujeitos coloca que a família é “unidade funcional, é a célula”. Tudo o que o aluno vive em casa será refletido na escola ao mesmo tempo em que leva

para casa o que vive na escola. Dessa forma, torna-se indiscutível a presença da família no desenvolvimento escolar e na socialização do surdo. Se na escola ele permanece 4 horas, é no seio familiar onde, o restante do tempo, ele participa, aprende e, conseqüentemente, se desenvolve.

Ainda numa perspectiva instituída, daquilo que está legitimado na relação entre surdos e ouvintes ou entre surdos e surdos, observa-se que ao contrário da interação entre os primeiros, o contato entre instrutor e aluno surdo se dá de forma natural, pois há uma identificação entre os pares surdos. (Porém, acredita-se que só essa identificação não basta no processo educativo).

Para ilustrar essa questão, cita-se SKLIAR e LUNARDI (2000, p.17):

a maior ênfase em ser professor surdo de alunos surdos reside no fato de que o professor e o aluno surdo compartilham da mesma base lingüística. Sem desmerecer a importância dessa interação lingüística no desenvolvimento educacional, social, cultural do sujeito surdo, acreditamos que, no plano educativo, o papel do professor surdo vai muito além dessa identificação lingüística.

Pode-se dizer que, apesar da relação entre instrutores ou professores surdos com alunos surdos contar com um aspecto positivo que é a Língua de Sinais no processo de educação e socialização, só essa identificação não basta. O professor surdo deve oportunizar nestes espaços contribuições que venham a auxiliar o aluno surdo na construção das identidades surdas (que se encontram em constante transformação), ao mesmo tempo em que proporciona discussões sobre a cultura surda, conhecimentos sobre a história da Educação de Surdos, entre outros aspectos.

No entanto, na perspectiva instituinte da Educação de Surdos, observa-se que o aluno surdo apresenta um grande interesse em continuar estudando a partir do Ensino Fundamental, em busca de uma profissão, à qual aspira, diante dos modelos e exemplos de adultos surdos, dentro da escola e da comunidade surda, onde conseguiram estudar e trabalhar. Segundo os sujeitos, essa realidade de interesse e batalha pela educação e pela realização dos sonhos não era percebida com tanta expressão nos alunos surdos em momentos anteriores. Porém, esses alunos têm verdadeira “aversão” à inclusão<sup>6</sup>, só querem continuar estudando se

---

<sup>6</sup> Ver: Veiga-Neto, Alfredo: Incluir para Excluir apud Skliar, Carlos e Larrosa, Jorge: Habitantes de Babel (2001) e Lunardi, Márcia: Inclusão/Exclusão: Duas faces da mesma moeda- Cadernos da Educação Especial, UFSM, nº 18, 2001.

forem oportunizadas escolas para surdos, faculdades especiais que estejam preparadas para recebê-los.

Percebe-se, também, uma preocupação por parte dos professores em relação ao futuro profissional dos alunos surdos, pois não há muito incentivo do governo, como, por exemplo, dispor de cotas para surdos no mercado de trabalho que possibilite o ingresso destes numa profissão. Além disso, o preconceito social foi apontado como fator importantíssimo no futuro profissional do surdo, como ponto interferente na contratação, justificando a surdez como impossibilidade de ingresso no mercado de trabalho.

Cita-se o depoimento de um dos sujeitos que explicita a questão do preconceito com o surdo:

*“Um aluno foi ao mercado que oferecia sete vagas para empacotador, mas o gerente, quando viu que era surdo, falou que não havia nenhuma vaga. O surdo ficou revoltado com a atitude do homem”.*

A Educação de Surdos depende de esforços mútuos entre surdos e ouvintes, entre escola e políticas públicas. A garantia de Escolas para Surdos, onde os próprios surdos tenham direito à participação e à escolha da educação que querem, aponta para um futuro educacional que assegure a convivência entre os iguais, a construção das identidades surdas e a Língua de Sinais como a língua natural para a educação desses sujeitos.

Quanto às mudanças no currículo da Escola para Surdos, na perspectiva de educação futura, muitas são as variáveis que determinam uma educação mais completa, voltada para o desenvolvimento pleno do aluno surdo e de suas competências.

Acredita-se que o currículo, por ter sido construído em conjunto com a comunidade surda, está alicerçado (e continuará sendo) nas necessidades dessa comunidade, baseada nas expectativas e nos princípios da cultura surda.

De acordo com as expectativas de um futuro próspero e mais justo para os alunos surdos, cabe observar duas questões centrais quanto à participação do intérprete na educação de surdos. A primeira é um tanto discutida: a carência desses profissionais nas escolas e a dificuldade de mantê-los nas instituições, já que os gastos precisam ser assumidos pelos órgãos competentes, e as escolas não

dispõem de recursos financeiros para contratação e permanência de intérpretes no sistema de ensino que necessita de seus serviços. A segunda questão deve-se à desnecessária função dos intérpretes nas escolas quando os professores ouvintes têm conhecimento e domínio na Língua de Sinais, já que esse caminho está sendo percorrido pelos sujeitos envolvidos na educação de surdos. Nesse caso, o apoio seria dado pelos instrutores ou educadores surdos que fazem a mediação entre aluno e professor ouvinte.

Segundo a dimensão instituinte da teoria do Imaginário Social, em que há a possibilidade do rompimento com o que está instituído para a produção de novos sentidos, observa-se que os benefícios da interação entre professor ouvinte e instrutor surdo se concebe na melhoria e aperfeiçoamento da Língua de Sinais, ampliação do vocabulário nessa língua e trocas de experiências entre ambos, o que propicia um trabalho organizado, sistematizado para os alunos surdos e a possibilidade de aprendizagem dos professores ouvintes em relação à educação e ao universo dos surdos, como também um aprendizado dos educadores surdos em relação ao universo dos ouvintes.

De acordo com o imaginário instituinte e também instituído, em relação à importância da Língua de Sinais na interação entre surdos e ouvintes observa-se algumas opiniões distintas. Enquanto alguns acham necessário que o aluno surdo e o professor ouvinte devam ter contato direto, sem mediação de intérpretes ou instrutores, o que implicaria maior compreensão e domínio da Língua de Sinais pelos professores, outros sujeitos preferem dizer que é importante sim a presença de instrutor na interação entre ouvintes e surdos e que para isso é indispensável uma boa fluência na Língua de Sinais.

O diálogo ainda é a melhor solução e o melhor caminho para se alcançar as metas estabelecidas na educação e nos relacionamentos interpessoais. Com isso, complementa-se esse assunto com a fala do sujeito C:

*A participação ou no mínimo um diálogo anterior às intervenções com os alunos é necessário, mas o ideal seria que o instrutor pudesse estudar e pesquisar orientado pelo professor ouvinte sobre os conhecimentos, métodos e avaliação.*

Essas diferenças e o diálogo só beneficiam a aproximação e a confiança no outro. O planejamento, a participação de todos nas atividades, nas reuniões, nas situações extraclasse ajudam a entender melhor o companheiro de trabalho, o aluno surdo, o adulto surdo e acabam facilitando a tolerância e o respeito pelo trabalho, pela opinião e pelas dificuldades inerentes a cada ser humano.

Portanto, ao finalizar este trabalho, confirma-se a idéia da importância em conhecer as significações imaginárias dos professores ouvintes em relação ao aluno surdo. Esse fato vem ao encontro de muitas contribuições que corroboram para melhorar a educação de surdos e a interação desses sujeitos.

Durante esse processo investigativo, notou-se que emergiram outros elementos além das palavras que foram ditas: gestos de angústias e certezas, manifestações de entusiasmo, expressões de confiança, esperança e, também, incertezas. Segundo a teoria do Imaginário Social, pesquisar significa observar todas essas manifestações, fazer a leitura, enfim, desvelar atitudes e expressões.

Pode-se perceber que, ao mesmo tempo, em que se interage com o universo investigativo, como pesquisadora, torna-se um instrumento que oportuniza aos professores ouvintes analisar e refletir sobre aspectos referentes à sua prática pedagógica e seu relacionamento com o aluno surdo, percebendo a educação de surdos atualmente e apontando possibilidades futuras, contemplando as dimensões instituída e instituinte da teoria do Imaginário Social.

Na vertente instituída, verificou-se, que é impossível falar sobre a pessoa Surda sem apontar a Língua de Sinais como elemento construtor de identidade e de significados em todos os contextos em que o Surdo está inserido, assim como é ímpar a contribuição do instrutor no processo educacional e de socialização do aluno Surdo, porém a que se discutir uma formação pedagógica deste profissional.

A participação da família do Surdo, do instrutor de LIBRAS e o envolvimento do professor ouvinte no processo de socialização e educação do aluno surdo é indiscutível para o desenvolvimento integral do aluno Surdo.

No entanto, na vertente instituinte, percebe-se que os sujeitos da pesquisa almejam ainda muitas mudanças para que a educação e a interação entre Surdos e ouvintes sejam mais satisfatórias.

A participação dos alunos nas discussões escolares e na organização do currículo é uma necessidade importante, assim como a presença de mais

profissionais qualificados como instrutores e intérpretes no trabalho com os alunos Surdos.

Assim, entende-se que hoje se conhecem e se compreendem melhor alguns aspectos que perpassam a Educação de Surdos, a interação desses sujeitos e a relação entre professores ouvintes e alunos surdos e confirma-se a idéia da importância em conhecer as significações imaginárias dos professores ouvintes em relação ao aluno surdo, que certamente vem a contribuir para melhorar a Educação de Surdos e a interação dos mesmos.

## Referências Bibliográficas

CASARIN, Melânia de Melo. **O imaginário Social dos professores de classe especial em relação à pessoa surda**. Dissertação (Mestrado em Educação) - UFSM, Santa Maria, 1996.

CASTORIADIS, Cornelius. **As Encruzilhadas do Labirinto: Os Domínios do Homem**. V. 2., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LUNARDI, Márcia Lise. **Inclusão/Exclusão: Duas faces da mesma moeda**. In: Cadernos de Educação Especial. UFSM/RS: nº 18, v. 2, p. 1-112, 2001.

LUNARDI, Márcia Lise e SKLIAR, Carlos. **Estudos Surdos e Estudos Culturais em Educação**. In: LACERDA, Cristina e GÓES, Maria Cecília. Surdez: Processos Educativos e Subjetividade. São Paulo: LOVISE, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Teoria, Método e Criatividade**. 8ª ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 1998.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Aquisição do Parâmetro Configuração de Mão na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)**. Dissertação de Mestrado. PUC/RS-Porto Alegre, 1994.

PERLIN, Gládis. **Identidade Surda e Currículo**. In: LACERDA, Cristina e GÓES, Maria Cecília. Surdez: Processos Educativos e Subjetividade. São Paulo: LOVISE, 2000.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de surdos: A aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SHOLL, Lea. **Desejos sociais “versus” práticas educacionais**: uma tensão no Imaginário Social. In: TEVES, NILDA. Imaginário Social e Educação. Rio de Janeiro: Gryphus: Faculdade de Educação da UFRJ, 1992.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Incluir para Excluir**. In: LARROSA, Jorge e SKLIAR, Carlos. Habitantes de Babel: políticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.